

XENOS:

Uma análise de Xenofeminismo e de *Xenogenesis*

Bianca de Oliveira Corrêa

Resumo:

O prefixo “*xeno*” que significa estranho ou estrangeiro foi utilizado pelas xenofeministas para pensar um feminismo para o futuro em defesa da alienação radical, do tornar-se Outro. Construir a liberdade se daria apenas aceitando essa condição natural de alien[ação] e reforçando-a, tornando-se alien[ado] perante o mundo. Por esse motivo, o movimento incorpora alguns princípios, dentre os quais podemos considerar os principais: o tecnomaterialismo, antinaturalismo e o abolicionismo de gênero. Este trabalho tem como objetivo aliar a proposta do xenofeminismo com as ideias da autora de ficção científica Octavia Butler, para discutir as similaridades que o projeto feminista possui com a obra *Xenogenesis* da autora americana. *Xenogenesis* significa “geração a partir do estranho/alien”, e, esse livro de sci-fi traz à tona, de maneira atual, discussões sobre reprodução e suas tecnologias, questões de gênero e racismo. Pretende-se não só mostrar a influência que o livro sobre alienígenas produziu simbólica e literalmente no movimento do coletivo Cuboniks, mas também debater pontos que Butler suscita em sua obra que podem ainda ser incorporados à discussão do xenofeminismo.

Palavras-chave: Xenofeminismo, Xenogenesis, alienação.

Abstract:

“*Xeno*” is a prefix that means strange or foreign and was used by the xenofeminists in order to think a futuristic feminism that stood for a radical alienation, for becoming an Other. Constructing liberty would only happen by accepting this natural condition of alien[ation] and reinforcing it, becoming alien[ated] before the world. For this reason, the movement incorporates some principles, amongst which we may consider the fundamental: tecnomaterialism, antinaturalism, and gender abolitionism. This work has the objective of allying the xenofeminist proposal with science-fiction author Octavia Butler’s ideas, in order to discuss the similarities the feminist project has with the *Xenogenesis* work by the American author. *Xenogenesis* means “generation from the strange/alien”, and this sci-fi brings to light, current discussions about reproduction and its technologies, gender issues and racism. It is intended not only to show the book’s symbolic but also literal alien influence on the Cuboniks’ collective movement, and also to debate the issues that Butler’s work raises and that may be incorporated to the xenofeminist discussion.

Key words: Xenofeminism, Xenogenesis, alienation.

INTRODUÇÃO

Xenofeminismo é um projeto do coletivo Laboria Cuboniks¹ lançado sob a forma de manifesto em 2014, *Xenofeminismo: Uma política pela alienação* (CUBONIKS, 2019). Segundo o coletivo, a produção em forma de manifesto teve como um de seus objetivos o de facilitar o acesso e a viralização da leitura (ZUIN, 2020). É um propósito central do trabalho que este seja um projeto em constante transformação, mantendo-se sempre dinâmico. Uma de suas integrantes, Helen Hester, afirma em seu livro *Xenofeminism* (2018), que este é um movimento de bricolagem entre “cyberfeminismo, pós-humanismo, aceleracionismo, neorracionalismo, feminismo materialista dentre vários outros” (HESTER, 2018, p.1)², que busca coalizões e foge da “infecção da pureza” (CUBONIKS, 2019, 0X10). Propõe um projeto futurístico, que não se mantenha ligado acriticamente e exclusivamente a qualquer movimento feminista predecessor, e que acredite que a luta feminista, anticolonial, anticlassista, dentre outras deva mirar no futuro a ser construído (DIS MAGAZINE, 2016), e, que este está em jogo para ser reelaborado.

Xeno é um prefixo derivado do grego e significa “estranho” ou “estrangeiro” sendo comumente utilizado para descrever o que é “alien”, como é o caso da palavra *Xenogenesis* criada pela autora Octavia Butler para sua série de livros de ficção científica. O sufixo “genesis”, por sua vez, remete à criação; de modo que o termo *Xenogenesis*, portanto, refere-se à criação, ou ao tornar-se alienígena (FLETCHER, 2018). A obra de ficção publicada no final da década de 80 aborda temas de vanguarda para a época, como a utilização da tecnologia para melhorar e transformar a natureza e a questão tecnológica reprodutiva, temas que certamente viriam a prefigurar algumas ideias centrais para o xenofeminismo.

O objetivo deste trabalho é analisar as principais ideias do movimento xenofeminista e da obra de Octavia Butler, em particular da trilogia de ficção científica: *Xenogenesis*. Ao final, pensará de que formas o trabalho de Butler ainda tem muito a acrescentar à composição desse movimento

¹ constituído por seis autoras de 5 países e 3 continentes diferentes, o coletivo feminista adotou esse nome que é um anagrama de Nicolas Bourbaki - pseudônimo de um grupo de matemáticos majoritariamente franceses da década de 40 que defendiam uma matemática da abstração mais rigorosa e simples. Cuboniks tem como base o abolicionismo de gênero, tecnomaterialismo e a ideia de que a natureza perpetua desigualdades nas relações de poder humanas. Querem construir coletivamente um feminismo para o futuro, interseccional, que subverta o caráter patriarcal adotado pelas ciências, tecnologias e pelo racionalismo (OMANSKY, 2018).

² Trad livre de: “cyberfeminism, posthumanism, accelerationism, neorrationalism, materialist feminism, and so on”

feminista pela alien[ação]³, caso seja mais amplamente explorado pelas feministas que buscam pensar o futuro em aliança com o *xeno*.

XENOFEMINISMO

Como um projeto que mira a reconstruir as possibilidades para o futuro, o coletivo fundador do xenofeminismo busca constituir um novo cenário que possa derrocar o sistema capitalista patriarcal supremacista branco (CUBONIKS, 2019, 0X19), mas essa busca envolve uma transformação gradual através da união de pessoas em busca da edificação de algo comum. Para isso há que se perguntar que espécie de futuro pretende-se arquitetar para estabelecer uma comunidade emancipada ancorada em princípios igualitários.

Em seu livro *Xenofeminism*, Helen Hester enfatiza a influência da autora Shulamith Firestone, em especial do seu livro *The Dialectic of Sex* publicado na década 70, como essencial para a constituição do imaginário xenofeminista. Segundo Hester, a obra de Firestone apresenta a capacidade humana de criar meios para controlar o meio-ambiente, ideal do prometeísmo, seguido pelo xenofeminismo, como forma de realizar e concretizar o concebível. É dessa forma que tecnologias como a de assistência reprodutiva, automação da vida doméstica e industrialização cibernética, por exemplo, seriam pontos de vantagem na tentativa de transformar a realidade opressiva sob a qual estão submetidas as mulheres, em busca da possibilidade de um futuro livre. É sob essa perspectiva que Hester define três parâmetros essenciais para se compreender o xenofeminismo: o tecnomaterialismo, o antinaturalismo e o abolicionismo de gênero (HESTER, 2018, p.6,7), que serão discutidos mais a fundo a seguir.

O tecnomaterialismo pode ser pensado, enquanto característica do xenofeminismo, como a tentativa de adaptar uma política radical de gênero (o que inclui o posicionamento enquanto abolicionistas de gênero) à complexa realidade de um mundo globalizado altamente tecnológico (Ibidem, p.7, 8). Assim, é importante pensar a tecnologia, constantemente presente no dia a dia, como uma ferramenta facilitadora do ativismo social que o movimento busca empreender.

³ Frisa-se que a escrita “alien[ação]” com o uso de colchetes é uma escolha de autoria desse texto e não das xenofeministas ou quaisquer autores citados.

Separar-se de ou negar a maquinaria capitalista não fará que com que esta desapareça. De igual modo, as sugestões de acionar o freio de emergência das velocidades incorporadas, ou o chamado a parar e retroceder, é uma possibilidade disponível só para alguns/mas - uma espécie violenta de exclusividade- em última instância provocando catástrofe para muitos. Recusar-se a pensar para além da micro-comunidade, a cultivar conexões entre insurgências fraturadas, a considerar como a tática emancipatória pode ser avançada para sua implementação universal, é se manter satisfeito com gestos defensivos e temporários. XF é uma criatura afirmativa na ofensiva, insistindo intensamente na possibilidade de uma mudança social em larga escala para todos nossos parentes alienígenxs (CUBONIKS, 2019, 0X0A).

É nesse sentido que as autoras buscam argumentar que não adianta ater-se à melancolia típica da política de esquerda que fica presa à sua própria tristeza e chora pelo mundo capitalista e suas injustiças, mas não acredita na real possibilidade de emancipação, buscando uma espécie de contenção de danos, aliada a momentos de resistência (Ibidem, 0X09).

Hester afirma que o controle da tecnologia pelas mãos da sociedade e da comunidade científica contemporânea gera suspeita quando indica que deseja realizar uma emancipação. Afinal, a tecnologia nunca foi inerentemente neutra (HESTER, 2018, p. 9). Para reforçar esta desconfiança basta observar, dirá Cuboniks, desde os operários de fábricas trabalhando em condições análogas às da escravidão até as pequenas vilas e comunidades que se tornaram grandes lixões para o despejo tóxico de eletrônicos produzidos pelas indústrias das grandes potências globais (CUBONIKS, 2019, 0X08). As tecnologias são fruto das relações sociais que as constituem, o que influencia desde o design de um produto e a infraestrutura que o produz (a qual é sustentada por um sistema político-econômico-social já vigente), até a questão de poder de acesso a essa tecnologia. Por esse motivo faz-se mister apropriar-se dessas tecnologias mantendo consciência das desigualdades e malefícios que elas podem causar, de modo a ressignificar sua presença na sociedade e alterar seus efeitos (HESTER, 2018, p. 9).

Na década de 90, o cyberfeminismo despontou numa cultura de internet que começava a se formar, criando espaços para estabelecer solidariedades e discutir mais amplamente regimes opressivos de gênero. No entanto, essa força começou a se dissipar com o século 21, quando houve maior padronização das interfaces na internet, reestabelecendo “modos familiares de policiamento da identidade, relações de poder e normas de gênero na representação de si” (CUBONIKS, 2019, 0X13). A era das redes sociais possibilitou um big brother orwelliano, figurativamente e literalmente com a cultura de reality show, aonde não somente o Estado pode vigiar e manter controle sobre a vida dos

civis, como a própria sociedade pode observar os modos de vida e corrigir aquilo que foge ao padrão. A integração cibernética que possibilitava a interação entre multiplicidades diversas, passou a reforçar um padrão universalizado de performances de gostos, gêneros, e de vida no geral.

O xenofeminismo urge então o desenvolvimento de infraestruturas que facilitem a interconectividade entre feministas permitindo a formação de alianças e a efetiva intervenção no mundo. Para além de usar meios digitais como forma de defesa e liberdade de redes patriarcais, seria preciso possibilitar o exercício da liberdade positiva, ou seja, ser “livre para” ao invés de simplesmente “livre de” (Ibidem, 0X07). Unir os ideais de emancipação social à produção tecnológica para a transformação da sociedade em um espaço mais igualitário. Talvez, Cuboniks arguirá, construir um universo onde as plataformas são de livre acesso para todes seja a forma mais praticável de um comunismo real; “impressão 3D farmacêutica (‘Reactionware’), clínicas populares de aborto telemédico, hacktivistas de gênero e fóruns DIY-HRT⁴” (Ibidem, 0X16) podem ser opções para estabelecer uma medicina responsável e livre, por exemplo.

O investimento na apropriação e criação de produções tecnológicas indica também a característica antinaturalista adotada pelas xenofeministas. A natureza, que antes era vista como algo supremo e intocável, agora pode ser percebida como um local de intervenção humana (HESTER, 2018, p.13). Defendem uma perspectiva de mundo prometeanista, ou seja, a crença de que os recursos da natureza devem ser utilizados pela humanidade visando seu desenvolvimento, de modo que as questões ambientais também sejam pensadas e superadas com o desenrolar desse processo.

Dizer que nada é sagrado, que nada é transcendente ou protegido da vontade de saber, de modificar, de hackear, é dizer que nada é sobrenatural. A “Natureza” entendida aqui como a arena ilimitada da ciência - é tudo o que há [...] Não há nada, declaramos, que não possa ser estudado cientificamente e manipulado tecnologicamente (CUBONIKS, 2019, 0X11).

No final do manifesto, Cuboniks adianta que o ideal do projeto é que a natureza não seja mais utilizada como locus para naturalizar e perpetuar injustiças, afinal, onde o humano está há envolvimento político e social, inclusive na natureza, por isso as autoras clamam “Se a natureza é

⁴ “do-it-yourself hormone replacement therapy” que pode ser traduzido por: “terapia de reposição hormonal faça-você-mesma”. É uma proposta de autonomia e livre acesso para pessoas que querem fazer terapia hormonal, para que possam fazê-lo sem a dependência de médicos, laudos ou indústrias farmacêuticas.

injusta, mudemos a natureza!” (Ibidem, 0X1A). Talvez nesse momento se faça mais evidente o porquê dessa revolução tecnológica ser encabeçada por um projeto feminista.

Nada deveria ser visto enquanto determinado e imutável. Segundo Firestone, todo fato da natureza que pode ser entendido, pode ser utilizado para alterá-la (Firestone apud HESTER, 2018, p. 21). Não há destino biológico, e a própria biologia enquanto ciência deve ser compreendida em sua contingência. A utilização da tecnologia para alterar a biologia e a própria natureza é capaz de gerar maior justiça reprodutiva e de gênero (HESTER, 2018, p. 21, 22). A reprodução é algo arriscado que deforma o corpo da mulher com o objetivo de beneficiar toda a espécie humana. Desenvolver tecnologias como a ectogênese (desenvolvimento de embriões fora do útero da mulher) que ainda não estão disponíveis, embora sejam pesquisadas, são possibilidades importantes para privar o corpo da mulher da dor, risco e dificuldades associadas à gravidez.

O antinaturalismo está associado ao conceito de “alien[ação]”: que a humanidade se faça cada vez mais alien, não dependente de processos “naturais” e que seja empoderada socialmente de suas capacidades tecnológicas. Cuboniks afirma que somos alien[ados] por natureza, durante a reprodução, por exemplo, quando a mulher se torna uma desconhecida perante seu próprio corpo. É assumindo essa alien[ação], que nos faz estranhos a tudo, mas principalmente à natureza, que poderíamos construir a liberdade, emancipação.

Quem quer que se tenha considerado “não-natural” sob as normas biológicas reinantes, quem quer que tenha experimentado injustiças em nome da ordem natural, compreenderá que a glorificação do “natural” não tem nada pra nos oferecer aos/às queer e trans entre nós, às pessoas com diversidade funcional, assim como aqueles que sofreram discriminação devido à gravidez ou às tarefas ligadas à criação dos filhos. XF é veementemente antinaturalista (CUBONIKS, 2019, 0X01).

O xenofeminismo se define também como uma corrente queer antinaturalista abolicionista de gênero (HESTER, 2018, p. 28). Todos têm o direito de falar como ninguém em particular. O binarismo de gênero observado em nossa sociedade teria lugar como uma forma de submissão política. A racionalidade, discute Cuboniks, é um conceito não restrito a um gênero específico, tal como o movimento que elas constroem. É por esse motivo que as ciências deveriam ser reflexos do racionalismo, que não é feminino ou masculino, portanto, se são dominadas atualmente por homens, o são por causa dos seus interesses particulares (CUBONIKS, 2019, 0X04).

Helen Hester assevera que ainda que Firestone tenha escrito durante a segunda onda do feminismo, ainda focada na questão da diferença sexual, ela escreveu em sua obra que o objetivo da revolução feminista deveria ser não o de acabar com o privilégio masculino, mas com a distinção entre os sexos em si (Firestone apud HESTER, 2018, p. 25), mostrando seu posicionamento enquanto anti-naturalista. Para Cuboniks, faz-se necessário abolir classe, gênero e raça (posicionamento que será discutido mais adiante), repensando uma nova forma de universal que seja interseccional e construída horizontalmente e não imposta verticalmente. Pois o universalismo eurocêntrico, tal como está, considera o homem enquanto sujeito sem sexo, o branco enquanto o sem raça e o cis enquanto real (CUBONIKS, 2019, 0X09). É assim que o abolicionismo de gênero idealiza eliminar os sistemas verticais de poder vigentes extinguindo, por exemplo, as bases para a exploração da mulher enquanto reprodutora, o “realismo doméstico” (CUBONIKS, 2019, 0X15) (que desde muito tenta segregar a mulher à esfera doméstica de trabalho não-pago), as violências ontológicas, epistemológicas e físicas realizadas sobre a comunidade LGBTQ, dentre outros grupos marginalizados socialmente.

Enquanto a luta política no cenário atual precisa mobilizar categorias como as de gênero para obter direitos e conquistas, o objetivo do xenofeminismo é mirar em um futuro em que essas estruturas percam sua importância social e assim, também, seu potencial enquanto vetores de discriminação, de modo que o sexo ou gênero de uma pessoa seja um fator tão relevante para a sociedade quanto a cor do olhos de alguém (HESTER, 2018, p. 29). Por isso seria preciso cautela com discursos no meio feminista e transfeminista que se apoiem na ideia do “born this way” (CUBONIKS, 2019, 0X0B)⁵, que possam ser interpretados como um pedido de desculpa diante da “suprema natureza”. Cuboniks enfatiza que o aspecto mais revolucionário da política queer é a declaração de liberdade diante do que era tido como “natural” e “imutável”. É então que o altar que glorifica a natureza como um deus, se desfaz. Por fim, deve-se entender que enquanto abolicionistas de gênero, as xenofeministas celebram a diversidade e pluralidade de identidades existentes, em especial a não conformidade com o binarismo. “Que centenas de sexos aflorem!” (Ibidem, 0X0E). Ter essa diversidade de sexos, gêneros e corpos reconhecidos seria o primeiro passo para refutar que qualquer um deles seja tomado como base para “normalização” (relegando outras expressões do corpo à patologização) ou usado enquanto prerrogativa de poder (HESTER, 2018, p.31).

⁵ Trad. Livre: “Eu nasci dessa forma”.

XENOGENESIS

O livro *Xenogenesis* (2007) de Octavia Butler é uma ficção científica da década de 80 que levantou muitas questões polêmicas para a época como as de gênero, de racismo, xenofobia, dentre outras. Como explicado anteriormente, “*xenogenesis*” significa criação a partir do alien, o que se relaciona com o conceito de “alienação” do xenofeminismo. Incorporar o novo e o estranho, toma proporções épicas na obra de Butler, onde os humanos literalmente misturam seu DNA com o alienígena.

A história do livro passa-se em um futuro onde o planeta Terra é destruído por uma guerra nuclear que deixa o planeta inabitável. Os poucos humanos que restam são resgatados e cuidados por uma raça de alienígenas chamada *Oankali*. O livro se inicia com a personagem principal, mulher e negra, chamada *Lilith Iyapo*, acordando novamente após 200 anos de hibernação na nave *Oankali*. A princípio não entra em contato com os aliens, fica presa em um quarto e apenas imagina quem são os seus captores. Aos poucos com sua adaptação à nova realidade, os *Oankali* permitem que ela conheça *Jdahya*, cuja aparência é tão chocante que ela precisa esperar alguns dias até se acostumar; os *Oankali* parecem espécies de monstros do mar cheios de tentáculos no rosto e no corpo. O que antes era uma situação de completa submissão ao controle alienígena aos poucos começa a abrandar-se quando *Lilith* começa a conviver com a espécie, no entanto, o sentimento de submissão nunca passa completamente. Os aliens misturam DNA *Oankali* com o dos humanos, estabelecem regras de comportamento e metas de desenvolvimento para que eles possam voltar para a nova Terra (que os *Oankali* estão reconstruindo à sua maneira), e, em vista de os humanos se tornarem uma espécie estéril, eles passam a depender também dos *Oankali* para reprodução. *Lilith* é escolhida como liderança para reabilitar outros humanos a voltarem para a Terra, e, apesar de ser um trabalho perigoso, pois os humanos são violentos e desconfiados (*Lilith* é constantemente agredida e quase violentada por outros humanos), esta é a condição para que ela possa retornar à Terra.

O antinaturalismo e a alien[ação] estão presentes ao longo de toda a obra. Uma vez que a Terra está devastada, devido à agressividade dos humanos, um dos temas explorados na história⁶, a espécie humana depende completamente dos cuidados alienígenas para sobreviver. Mais adiante, há

⁶ Ainda que os humanos mantenham a todo tempo um sentimento de que estão sendo capturados pelos *Oankali*, é clara a distinção entre humanos e aliens no sentido de que os primeiros recorrem sempre à violência e os segundos jamais o fazem, apenas em extrema necessidade (caso corram perigo de vida). Na história os únicos momentos em que os aliens utilizam violência, é quando são incitados por humanos agressivos. Ver: BUTLER, 2007.

a troca de material genético no decorrer da história, porque os *Oankali* são uma espécie de comerciantes genéticos, que percorrem o universo buscando permutar seus genes para se alterarem, realizando uma forma de eugenia. O objetivo da espécie é realizar essa constante mutação, recebem aquilo que lhes é estranho e tornam a outra espécie mais diversificada também. Essa mutação é algo ao qual os humanos são muito resistentes, então ainda que haja um melhoramento da espécie, eles sentem que estão sofrendo “experimentos científicos” e perdendo sua humanidade. O material genético que lhes é transferido, deixa os humanos mais inteligentes, mais fortes e com várias capacidades que não possuíam, como a de interagir com a nave/natureza *Oankali*. Mesmo diante de uma tecnologia empoderadora, o humano apresenta-se resistente ao que lhe é estranho; ao que não lhe parece “natural”, percebendo-se como escravo e oprimido em oposição à possibilidade de se renovar.

Em termos da reprodução alienígena na história vale notar que ela é realizada de modo bastante distinto da humana. Há um *Oankali* fêmea e outro macho, mas o *Oankali* que possibilita a reprodução e o prazer sexual da espécie é de um terceiro sexo chamado *Ooloi*. São engenheiros genéticos naturais que recolhem e selecionam o material genético dos reprodutores, que podem ser um casal de *Oankali*, um casal de humanos ou combinados, implantando no útero de uma das fêmeas um óvulo fertilizado. Ao mesmo tempo, o *Ooloi* serve como meio comunicante entre os parceiros, estimulando o cérebro de cada ser com seus tentáculos sensoriais causando prazer sexual como se estivessem ambos em contato direto. Uma vez que se relacionam por meio de um *Ooloi*, os parceiros de sexo oposto criam aversão física um ao outro. A criação de um indivíduo híbrido *Oankali*-humano se dá através de cinco indivíduos, macho e fêmea humanos, macho e fêmea *Oankali* e um *Ooloi*. Essa questão tecnológica proposta pela obra de Butler acerca da possibilidade de artificialização do prazer sexual e da fecundação externa, leva a novos rumos e ideias que estão incipientes em tecnologias como a de fertilização in vitro e prazer realizado por meios artificiais. Além disso, a complexidade da reprodução *Oankali*, os quais possuem indivíduos de sexo neutro, responsáveis pela reprodução, suscita a desnaturalização da reprodução como função dependente de machos e fêmeas. O estranhamento ao lidar com um indivíduo de sexo neutro que tem função sexual essencial, que é um engenheiro de material genético, suscita o estranhamento da própria binariedade humana como algo contingente, desnecessário e mutável.

No livro *Xenofeminism*, Hester utiliza o conceito de “xeno-reprodução” para pensar tecnologias ligadas à reprodução que são pesquisadas atualmente e seguem princípios xenofeministas. Ela cita o grupo *Gyne Punk* que trabalha com ativismo queer, biohacking, e desenvolvimento de hardwares livres para a realização de autocuidado e autodiagnóstico pela população. O grupo tem como objetivo incentivar o autoconhecimento do corpo além de levar acesso tecnológico médico para pessoas que são marginalizadas socialmente, como trabalhadoras do sexo, imigrantes e pessoas trans. Pensando nisso, utilizaram uma impressora 3D e equipamentos de laboratório descartados (como webcams e motores) construindo equipamentos para que cada mulher pudesse realizar o Papanicolau sozinha e sem custo. Outro exemplo é o do projeto *OSGC*⁷, inspirado pelo movimento xenofeminista e pela obra de P. B. Preciado, que desenvolve uma tecnologia com plantas de tabaco transgênicas, capazes de criarem hormônios sexuais. O objetivo é criar plantações em comum abertas ao público que quiser obter seus hormônios sexuais de forma não vinculada à indústria farmacêutica. O que se pretende então com a xeno-reprodução é buscar através da ciência e biohacking apropriar-se de tecnologias reprodutivas, fortalecendo comunidades e fugindo de sistemas sociais opressivos.

Retomando a obra *Xenogenesis*, há outros temas presentes que dialogam com xenofeminismo como a questão do racismo e da xenofobia, que agregam ao movimento no que diz respeito aos seus ideais de interseccionalidade. Como dito anteriormente, a personagem principal é negra e pelo fato de concordar em trabalhar com os *Oankali*, *Lilith* é percebida como uma traidora ou como alien pelos próprios humanos. Ela sofre várias tentativas de violência de outros humanos, homens, mas apoiados também por mulheres, e, no entanto, por haver sofrido modificações com DNA *Oankali*, ela é mais forte que qualquer homem humano, o que também é motivo de conflito. Não só *Lilith* como os próprios aliens representam a resistência humana ao estrangeiro, ao negro e à mulher. Com toda tentativa que os alienígenas exercem de ajudar a espécie humana, a resposta dos terráqueos quase sempre envolve violência (BERLATSKY, 2015).

Uma das críticas direcionadas ao xenofeminismo é que sua proposta de alienação, a saber: “Todxs estamos alienadxs - mas houve algum momento em que não estivemos?” (CUBONIKS, 2019, 0X01), considera todos os sujeitos como igualmente alienados, potencializando certos problemas ao sugerir que esse coletivo universal se aliene ainda mais. *Lilith*, personagem que vive a fundo vários dos preceitos xenofeministas, como o tecnomaterialismo, o antinaturalismo e o questionamento dos

⁷ "Open Source Gender Codes" trad. livre: Códigos de Gênero de Fonte Aberta (HESTER, 2018, p.143).

padrões de gênero, sofre ao longo da obra por ser considerada uma alien; uma estranha. Essa metáfora não é em vão; pensar a alien[ação] como um processo comum a todos pode significar apagar identidades e torná-las mais vulneráveis às violências, invisibilizando-as. “A nossa luta foi a luta contra a alienação”, disse Aimé Césaire⁸ sobre a construção do movimento negro. Para Simone de Beauvoir, ainda, a mulher vive uma alienação corporal, através de processos culturais, históricos e sociais, ou seja, processos externos, que buscam apartar o sujeito do seu corpo. A mente da mulher, exteriorizada do corpo, produz uma “subjetividade deteriorada” (CYFER, 2015). Quanto mais a mulher é objeto idolatrado, mais é corpo-coisa (alienado) e menos corpo-vivido, que é o corpo constituído enquanto sujeito vivendo no mundo e fazendo o mundo viver em si, e não relegado à outridade.

Ainda que o xenofeminismo mire em transformar o futuro, construindo relações mais igualitárias, deve-se pensar que movimentos e lutas serão apagados nesse processo de alien[ação], de desidentificação? Quais serão as possíveis consequências disso? Assim como autores como Aimé Césaire e Beauvoir questionaram a opressão da vivência enquanto corpo alienado, a obra de *Butler* demonstra essa tensão em um cenário possível, o cenário da alien[ação] radical de fato, do corpo enquanto alien, e a exclusão/violência que isso pode acarretar.

A integrante do coletivo Laboria Cuboniks, Patricia Reed, em seu texto *Xenofilia* (2018) propõe tratar o conceito de alien[ação] segundo a corrente xenofeminista. Ela frisa, como Hester, o quanto a tecnologia tem sido envolvida na expansão de crises ecológicas, sociais e econômicas, mas salienta também que elas têm como pano de fundo contextos sociopolíticos específicos. Explica a questão de que o mundo construído pela humanidade é elaborado através de conceitos que estão sempre em disputa e há aqueles que se estabelecem em detrimento de uma violência epistemológica sobre aquelas estruturas que não prevalecem. Essa ideia é importante para a forma com que Reed tratará a questão da alien[ação] em seu texto.

Ser tomado por conceitos é uma alienação de perspectivas lógicas/categóricas. Apesar de o termo ter sido confinado a um registro negativo, sinalizando anomia social ou desumanização, e ser colocado como algo a ser superado, em um aspecto perspectivo, a alienação é uma necessária forma de estranhamento com o que é [...] A consequência de um mundo sem alienação nos prende a esquemas cognitivos familiares, pois nega o

⁸ Trad livre de: “Our Struggle was a struggle against alienation”. (CÉSAIRE, A ; DEPESTRE, R. 1967).

engajamento com o estranho, o estrangeiro e o desconhecido, conferindo uma condição de “senso comum” ao que é dado (REED, 2018, p. 12).

Portanto, a alien[ação] em sua acepção positiva seria uma espécie de “engajamento com o estranho” e questionamento do que é dado; do que está em jogo na violência epistemológica que ocorre na disputa de conceitos. É dessa forma que se propõe enxergar a alien[ação] radical, não enquanto um sujeito universal alien[ado], e sim, enquanto um exercício radical de disputa no espaço dos conceitos. Nessa batalha, algo sempre prevalecerá enquanto algo ficará de fora, e por isso alien[ação] é um conceito relativo, nunca se estará totalmente alie[ado]. Ainda segundo Reed, a “contaminação mútua entre conceito e realização é um loop de retroalimentação dinâmica” (REED, 2018, p.11) e é essa violência no campo dos conceitos que se estende para o campo material também e que gera esse ciclo de retroalimentação. A autora exemplifica com a questão da “branquitude” enquanto parâmetro para a criação e utilização das tecnologias. Esse modelo do sujeito “por excelência” enquanto o sujeito branco leva a consequências materiais como a da falta de estrutura e a pauperização de bairros e guetos destinados a pessoas negras, por um lado, e, por outro, o racismo presente nos algoritmos de redes sociais que privilegiam fotos (e, portanto, redes sociais) de pessoas brancas, para citar apenas alguns exemplos.

Donna Haraway no *Manifesto Ciborgue* (2009) pensa a questão do ciborgue enquanto organismo híbrido de máquina e criatura, um ser representativo da realidade social e da ficção científica. É nesse momento que as barreiras entre realidade e ficção são borradas; esse seria um projeto capaz de mudar o real a partir do imaginário. O ciborgue é um ser do mundo pós-gênero onde não há mais apego às binariedades:

[...] ele não tem qualquer compromisso com a bissexualidade, com a simbiose pré-edípica, com o trabalho não alienado. O ciborgue não tem qualquer fascínio por uma totalidade orgânica que pudesse ser obtida por meio da apropriação última de todos os poderes das respectivas partes, as quais se combinariam, então, em uma unidade maior. Em certo sentido, o ciborgue não é parte de qualquer narrativa que faça apelo a um estado original, de uma “narrativa de origem”, no sentido ocidental, o que constitui uma ironia “final”, uma vez que o ciborgue é também o telos apocalíptico dos crescentes processos de dominação ocidental que postulam uma subjetivação abstrata, que prefiguram um eu último, libertado, afinal, de toda dependência – um homem no espaço (HARAWAY, D. 2009, p.38).

É esse ser sem compromisso com estruturas binárias ou de “salvação”, representativo do fim apocalíptico da sociedade ocidental, que rompe estruturas pré-estabelecidas e demonstra que o humano não tem o privilégio da singularidade que pensou construir com sua exclusividade através da construção da linguagem (mental) e de suas construções físicas que o separaram da natureza. Haraway quer propor esse um novo sujeito, onde a humanidade incorpora a ideia (e a prática) do ciborgue na noção de subjetividade. Como figura que não se atém a estórias de origem ou de fim, ou de salvação, analogamente há uma proposta da Haraway para que a humanidade “fique com o problema”, concorda Reed (2018, p.14), não buscando saídas fáceis para os problemas do mundo: nem a tecnologia vai salvar todes, e, muito menos a mente humana dará conta dessa tarefa sozinha. É assim que a alien[ação] contribui também enquanto forma de pensar para além do que se apresenta como dado (como a saída mais fácil). O sujeito alienígena que Reed propõe, baseado em autores como Mark Fisher e Haraway, é um sujeito coletivo, descentralizado (mas não desumanizado), solidário, que incorpora a tecnologia para o bem comum, capaz de auxiliar em questões que a mente humana não resolve desassistida.⁹

CONCLUSÃO

Há muitos paralelos possíveis entre a obra *Xenogenesis* e o *Manifesto Xenofeminista*, começando pela proposta *xeno*, alienígena. O antinaturalismo está intimamente ligado ao movimento através da alien[ação], já que para o manifesto o “natural” é responsável por alienar o humano, às vezes até de seu próprio corpo, como no caso da reprodução, enquanto que, na obra de ficção o humano se aliena de seu planeta destruindo-o, obtendo a possibilidade de sobrevivência apenas em sua ligação com o alienígena produzindo uma hibridização da espécie humana. Por sua vez, o abolicionismo de gênero pensado como pluralidade e diversidade de gêneros e sexos que não se desculpa à natureza, mas buscam emancipar-se dela, pode ser uma questão suscitada em *Xenogenesis* quando depara-se com a não-binariedade de sexos, havendo mesmo um terceiro sexo

⁹ Reed comenta a respeito de como a tecnologia agrega ao sujeito coletivo, usando o exemplo dos “objetos-meio”, cuja existência é abstrata e exige um encontro com a não presença; uma experiência alie[nada]. É, portanto, um objeto que não está disponível aos sentidos humanos. Apresenta-se o “clima” como um “objeto-meio” que precisa do auxílio computacional afim de que se compreenda suas mudanças. Não é possível medir com precisão climática o aquecimento global, por exemplo, através do frio ou calor que um indivíduo ou comunidade está sentindo. Por esse motivo, diz a autora, negacionistas que levaram uma bola de neve ao senado americano como prova de que o aquecimento global é uma farsa estariam equivocados ao confundirem o particular e o meio (REED, 2018, p.16 e 17).

desconhecido pelo os humanos; o *Ooloi*. Há assim que se questionar as nossas próprias divisões, tão criadas quanto as da ficção de Butler.

Já o tecnomaterialismo, constitui talvez o conceito mais ambicioso, porém essencial ao manifesto, afinal apoderar-se da tecnologia para as causas sociais, de modo a eliminar opressões como as de gênero, exige trabalho extenso de mudança de consciência social, não somente relacionado ao feminismo, mas quanto ao próprio sistema sociopolítico também. Em *Xenogenesis* a autora teve liberdade para pensar várias tecnologias para a eugenia da espécie humana, melhorando sua força, sua capacidade racional, de autorregeneração e possibilitando novas formas reprodutivas. Essa amplitude de tecnologias é concebível em um universo que é outro, sendo que no mundo não-fictício é preciso considerar os processos históricos que a humanidade vive, pois não se começa do zero, sendo necessário considerar a realidade social-científica-tecnológica para então pensar em transformá-la. É assim que o projeto OSGC e *Gyne Punk* atuam ao se apropriarem de tecnologias que se transformam em xeno-reproduções, oferecidas, então, ao público como ferramentas de emancipação. No entanto, o xenofeminismo idealiza não só a apropriação da ciência existente, mas a própria construção de novas infraestruturas e produções de tecnologias como forma de tornar-se independente do sistema capitalista e patriarcal, e, simultaneamente, modificar a sociedade.

Com todos os paralelos entre o *Manifesto* e *Xenogenesis* e mesmo por esse motivo, não se pode desconsiderar as críticas, feitas atualmente, e, de certo modo, presentes na obra de Butler. A alien[ação] radical não pode desconsiderar o perigo, já experimentado em nossa sociedade, através de outras formas de alienação como a segregação racial, por exemplo, e mesmo com a opressão exercida sobre o corpo das mulheres, como considerado por Beauvoir. Isso tem resultado nas mais distintas violências (físicas, materiais, ontológicas, epistemológicas). No entanto, o que se pode apreender dos escritos de Patricia Reed é que a alien[ação] é justamente o que possibilita pensar essas violências epistemológicas, agregadas a diversas outras, e assim, se pode reconstruir esses conceitos e estruturas opressivas, justamente confrontando-as, desnaturalizando-as. Seria essa, talvez, a proposta de “ficar com o problema” de Haraway.

Butler trata em seus livros a questão da opressão sofrida por mulheres, pessoas negras, imigrantes, e, mesmo, alienígenas/ciborgues. O sujeito coletivo, que poderia ser mais alienígena do que nunca (REED, 2018, p. 16), pode ser representado por todos aqueles sujeitos marginalizados pela sociedade que não se enquadram no “normal” e que se inserem agora no lugar de disputa

epistemológica, ontológica, física e material. É claro, alienar-se implica também exclusão, violência, mas propõe-se um novo tipo de sujeito engajado com o estranho, não apegado a soluções finais ou estruturas rígidas. É esse talvez o vislumbre de um novo tipo de sujeito: ciborgue, alien, e híbrido como o humano-*Oankali*.

REFERÊNCIAS:

- BERLATSKY, N. **Aliens, Tentacle Sex, And Racism: Surprising Lessons From Sci-Fi**. 2015. Disponível em: <https://ravishly.com/2015/02/18/aliens-tentacle-sex-racism-octavia-butler-liliths-brood>. Acesso em: 1 de março de 2020.
- BUTLER, O, E. **Lilith's Brood**. Nova York: Grand Central Publishing, 2007.
- CARDOSO, A, C. *O Espaço da Troca: A Comunicação sem Palavras na Trilogia: A Comunicação Sem Palavras na Trilogia Xenogenesis de Octavia Butler*. In: **Remate de Males**. São Paulo: Unicamp, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635884>. Acesso em: 1 de março de 2020.
- CÉSAIRE, A ; DEPESTRE, R (1967). **An Interview with Aimé Césaire**. Tradução para o inglês de Maro Riofrancos. Disponível em: politicaleducation.org/wp-content/uploads/2018/07/Interview-with-Aime-Cesaire.pdf. Acesso em: 29 de Novembro de 2020.
- CUBONIKS, L. **XF Manifesto**. 2019. Disponível em: <https://laboriacuboniks.net/manifesto/xenofeminismo-uma-politica-pela-alienacao/>. Acesso em: 1 de março de 2020.
- DIS MAGAZINE. **Laboria Cuboniks in Conversation**. 2016. Disponível em: <https://dismagazine.com/blog/81953/laboria-cuboniks-in-conversation/>. Acesso em: 1 de março de 2020.
- FLETCHER, A., THE OTOLITH GROUP. **Feminism: possibilities for knowing, doing and existing. A conversation between the Otolith Group and Annie Fletcher**. 2018. Disponível em: https://www.internationaleonline.org/research/politics_of_life_and_death/107_feminism_possibilities_for_knowing_doing_and_existing_a_conversation_between_the_otolith_group_and_annie_fletcher/. Acesso em: 1 de março de 2020.
- GOH, A (2019). **Appropriating the Alien: a critique of xenofeminism**. Disponível em: <https://www.metamute.org/editorial/articles/appropriating-alien-critique-xenofeminism>. Acesso em: 1 de março de 2020

- HARAWAY, D., KUNZRU, H. **Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano.** Organização e Tradução de Tomaz Tadeu. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- HESTER, H. **Xenofeminism.** Cambridge: Polity Presss, 2018.
- CYFER, I. *Afinal, o que é uma mulher? Simone de Beauvoir e “a questão do sujeito” na teoria crítica feminista.* **Lua Nova.** São Paulo, n. 94, p.41-77, 2015.
- OMANSKY, K. L. **Against Nature: On Laboria Cuboniks' "Xenofeminist Manifesto".** Disponível em: <https://www.clereviewofbooks.com/home/xenofeminism>. Acesso em: 1 de março de 2020.
- REED, P (2017). **Xenofilia e desnaturalização computacional.** Tradução de Gabriela Baptista. São Paulo: Zazie, 2018.
- ZUIN, L (2020). **Xenofeminismo Pretende Acabar com a Noção de Gênero Através da Tecnologia.** Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/04/22/xenofeminismo-pretende-acabar-com-a-nocao-de-genero-atraves-da-tecnologia.htm>. Acesso em: 1 de março de 2020.